

MESMO QUE ELE FOSSE MAU

Era a última aula sobre o “Auto da Índia” de Gil Vicente. Este autor, pai do teatro português, apesar de ter vivido entre a segunda metade do séc. XV e a primeira do séc. XVI, ainda hoje faz parte dos programas do ensino secundário, quer pelo seu valor literário, quer pela sua actualidade. É por isso que dizemos que toda a obra vicentina é intemporal.

O “Auto da Índia”, uma farsa, apresenta a infidelidade conjugal de uma mulher que aproveita a ausência do marido na Índia para se divertir, chegando a ter, em sua casa, a presença simultânea de dois admiradores. A farsa termina com a chegada do marido e a confissão hipócrita da mulher, ao dizer, com a maior desfaçatez, que tinha vivido todo aquele tempo, cheia de saudades, muito triste, na maior austeridade, acompanhada de penitências, orações e jejuns.

Tentando aplicar aos dias de hoje e à sociedade em que vivemos a obra acabada de estudar e sabendo, à partida, que havia na sala vários alunos com pais emigrados no estrangeiro, perguntei-lhes? Acham que estes problemas que a emigração levanta ainda hoje se observam? Sim, responderam todos. E porquê’.

“O meu pai está na França e vem cá sempre pelo Natal e nas férias grandes, mas eu gostava mais que ele vivesse connosco”, disse o primeiro; “ o meu pai está no Canadá, ganha muito bem e telefona-nos todos os dias, mas eu gostava mais que ele estivesse cá, ainda que ganhasse menos”, disse outro; “ o meu pai está na Austrália há vários anos e vem sempre passar de três a quatro meses todos os anos, mas quando vem eu gostava que ele não voltasse e passasse todo o ano connosco, com a minha mãe e os meus irmãos”, disse ainda um outro. Outro tinha o pai na Suíça, outro, na América, e .. por aí adiante.

Ainda os desabafos continuavam quando o Zé Maria, o primeiro da fila mais à esquerda, de presença e apresentação modesta e de aproveitamento mais modesto ainda, levanta a mão para falar: “Eu acho que os meus colegas têm todos muita sorte porque, apesar de os seus pais passarem uma parte do ano no estrangeiro, têm pai e eu não. Nós somos cinco irmãos e o meu pai emigrou há catorze anos para França, e há muitos anos que ele não “liga” nada, nem à nossa mãe nem a nós, os filhos, e eu gostava muito de ter um pai “mesmo que ele fosse mau”.

Começando pelo professor, ninguém conseguiu conter as lágrimas. Seguiu-se um grande silêncio... e terminou uma das melhores, senão a melhor aula da minha carreira de professor.

“E eu gostava muito de ter um pai, mesmo que ele fosse mau.”